
O potencial político do cinema documental na criação de novas semânticas sobre a aids¹

Raphael Castilho Bueno SILVA²
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

No contexto da epidemia discursiva (Bessa, 1997), os discursos produzidos sobre a aids evidenciam experiências de desrespeito simbólico que, ainda hoje, afetam a autorrelação prática dos portadores do HIV. Essa percepção só pode ser superada a partir de batalhas sociais que reivindiquem novas construções semânticas. Entendemos o cinema como dispositivo comunicacional capaz de acelerar este processo e, estabelecendo diálogos com a teoria do reconhecimento (Honneth, 2009), o objetivo deste trabalho é demonstrar o potencial político dos documentários em desconstruir estereótipos a partir de uma análise crítica e transcritiva de "Deus tem aids", documentário focado em mostrar os modos contemporâneos de se lidar com a epidemia da doença no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Aids; "Deus tem aids"; documentário; ponte semântica; reconhecimento social.

INTRODUÇÃO

A teoria do sociólogo alemão Axel Honneth "[...] entende que o reconhecimento é uma necessidade vital para os indivíduos, pois a nossa existência só é validada pela existência do outro [...]" (Garcêz, 2008, p. 49). Estabelecendo diálogos com essa suposição, da interdependência dos sujeitos, este trabalho procura evidenciar o potencial político do cinema documental na desconstrução dos estereótipos e, conseqüentemente, na criação de novas semânticas sobre a aids. Para isso, iremos analisar "Deus tem aids", filme lançado em 2022 pelos diretores Fábio Leal e Gustavo Vinagre, que reúne o depoimento de sete artistas e um médico sobre novas formas de encarar a doença no Brasil.

Ao longo das últimas quatro décadas, os discursos produzidos sobre a aids e o HIV imputaram aos pacientes soropositivos uma condição de vulnerabilidade simbólica e social. Segundo Bessa (1997), este processo foi estabelecido durante a epidemia discursiva, quando, nas origens da síndrome; os produtores de conhecimento do tecido social empregaram significações perversas e desinformativas à doença. Recorrendo à já

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e-mail: raphaelcastbueno@gmail.com.

citada teoria do reconhecimento, Honneth (2009) afirma que essas degradações – como é o caso da sorofobia – podem ser interpretadas como experiências de desrespeito que têm o potencial de afetar a relação de um indivíduo consigo próprio e com o mundo à sua volta.

Honneth (2009) ainda afirma que essa percepção só pode ser superada a partir de batalhas sociais que reivindiquem novas construções discursivas a respeito de um grupo vulnerabilizado. Através da perspectiva de Turner (1997) que considera a importância do cinema nas práticas sociais, acreditamos que os documentários são dispositivos filmicos capazes de acelerar este processo; considerando sua repercussão nas práticas e nos processos contemporâneos, bem como seu papel de ponte semântica para o reconhecimento e a formação de identidades coletivas.

A partir dessa perspectiva, faremos uma análise crítica e transcritiva do documentário de Leal e Vinagre, descrevendo a fala dos entrevistados e observando os contradiscursos que subvertem a lógica perversa que se associa à doença desde seu descobrimento. Inicialmente, acreditamos que a produção pode ajudar a preencher lacunas simbólicas da representação da aids na comunicação de massa, o que colabora na formação de novas dizibilidades sobre a síndrome e incentiva a luta pela popularização dessa nova simbologia no tecido social.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As principais ideias que mobilizam as reflexões encontradas neste trabalho são 1) a teoria do reconhecimento (Honneth, 2009); 2) o fenômeno da epidemia discursiva (Bessa, 1997) e 3) o potencial político das produções cinematográficas (Turner, 1997). Mais do que as teorias isoladas, é a hibridização desses pressupostos que nos trará respostas para a seguinte questão: como o documentário "Deus tem aids" pode se relacionar com a formação da estima social dos portadores do HIV na contemporaneidade?

Começamos nossa discussão com a definição de Honneth (2009) de que os seres humanos só se sentem realizados a partir do momento que são reconhecidos como sujeitos de valor pelos seus parceiros de interação. Entre as formas de reconhecimento recíproco categorizadas pelo autor, destacamos o assentimento solidário, que é capaz de proporcionar ao indivíduo “[...] uma estima social que lhes permita referir-se

positivamente a suas propriedades e capacidades concretas” (Honneth, 2009, p. 198). Entretanto, vale destacar que a mediação dessas características é operada por um quadro de orientações simbolicamente e arbitrariamente articulados pela discursividade do tecido social.

É pensando nessa articulação de discursos que vamos nos ater agora à chamada epidemia discursiva, quando foram produzidos por diversos atores sociais – do jornalismo à medicina – semânticas perversas relacionadas à aids, aos portadores do HIV e àqueles que eram considerados suscetíveis a serem contaminados pelo vírus. Para Bessa (1997), no início da década de 1980, o mundo não se depara apenas com uma colapso de saúde pública, mas também com uma crise de palavras baseada em “[...] considerações socioculturais de certo e errado, de posições etnocêntricas e completamente ignorantes a respeito da sexualidade humana” (p. 26).

Essa crise de palavras pode ser associada com experiências de desrespeito que, segundo Honneth (2003), exacerbam a condição de vulnerabilidade dos sujeitos. Para o autor, as degradações simbólicas são sinônimo de reconhecimento negado. Seguindo os preceitos honethianos, Lage (2020) afirma que a falta de reconhecimento compromete a autonomia e a integridade da pessoa, o que impede que o indivíduo estabeleça uma compreensão positiva de si mesmo. Por outro lado, o sociólogo alemão afirma que o desacato pode catalisar as lutas pelo reconhecimento, cujas reivindicações determinam novas formas perspectivas discursivas para grupos simbolicamente vulnerabilizados.

Pensando nas definições de Hall (2006) de que o cinema é um sistema de representação, mas principalmente nas relações de Turner (1997) entre o cinema e as práticas sociais, voltamos às teorias honethianas para empregar aos documentários o papel de ponte semântica do reconhecimento. Isso significa que essas produções difundem doutrinas morais que formam semânticas coletivas utilizadas para interpretar experiências de reconhecimento ou desrespeito que, conseqüentemente, potencializam a estima dos sujeitos ou catalisam a formação das já citadas lutas sociais. É procurando demonstrar esta suposição que operacionalizamos a análise do tópico posterior.

METODOLOGIA

Aumont (2000) acredita que uma boa análise sobre um filme se divide em transcrição filmica e comentário crítico. Especificando para o universo documental,

lugar onde cinema e jornalismo se encontram, Mombelli e Tomaim (2014) afirmam que um documentário deve ser analisado a partir do aspecto visual/sonoro, narrativo e ideológico. Utilizando-se de ambas as visões, dividimos a análise dos filmes na descrição dos códigos jornalísticos e cinematográficos e na inserção de inferências que contraste as semânticas e o estereótipos da epidemia discursiva com a valência simbólica presente na produção analisada, a partir das dimensões reproduzidas na **QUADRO 1**, localizada abaixo:

QUADRO 1.

Descrição das dimensões dos documentários que serão analisadas.

Dimensões analisadas.	Descrição.
Aspecto narrativo.	Aqui se observa "[...] quem conta a história" (Mombelli; Tomaim, 2014, p. 3) e, pensando na utilização testemunhal dos documentários analisados, analisa-se também o "[...] testemunho como realidade da coisa passada e a presença do narrador nos locais de ocorrência" (Mombelli; Tomaim, 2014, p. 11)/
Aspecto visual/sonoro.	"[...] observam-se os sons que compõem o filme, os momentos em que são ouvidos, qual a posição da câmera em relação ao objeto a ser filmado" (Mombelli; Tomaim, 2014, p. 3-4).
Aspecto ideológico	"[...] pretende 'verificar qual a posição/ideologia/mensagem do filme/realizador em relação ao(s) tema(s) do filme'" (Penafría, 2009, p. 9 in Mombelli; Tomaim, 2014, p. 4)

Fonte: Autor (2024), com base em Mombelli; Tomaim (2014).

PRINCIPAIS RESULTADOS

Para apresentar os resultados obtidos, dentro do espaço delimitado por este resumo expandido, focaremos no eixo da análise propõe descrever o aspecto ideológico do documentário analisado e a comparação do que foi observado com as semânticas e os esteriótipos formados pela epidemia discursiva. Em seguida, para responder a pergunta que move esta pesquisa, iremos encadear essas conclusões com a noção de reconhecimento social, exposta anteriormente neste texto.

O realizador do documentário começa perguntando a um dos entrevistados: por que as imagens da aids que vemos hoje são praticamente as mesmas de 40 anos atrás? Esse questionamento reitera nossa suposição que os discursos produzidos durante os primeiros anos da aids permanecem na contemporaneidade, afetando a compreensão do portador do HIV consigo próprio através de associações da doença com a morte, com o

sofrimento e com o que Sontag (2003) chama de culpabilização do paciente, a partir da noção de castigo coletivo. Após o questionamento, o filme possui a intenção de apresentar novas perspectivas sobre a doença se utilizando de depoimentos e de performances artísticas feitas por pessoas que convivem diariamente com o vírus. Entre as mensagens contidas nas entrevistas, sintetizada nos frames da **FIGURA 1**, destacamos:

- 1) a desassociação do vírus com a morte a partir da popularização dos antirretrovirais;
- 2) a necessidade de se falar sobre o tema em um contexto de invisibilização;
- 3) o enfrentamento de preconceitos que persistem após mais de quatro décadas;
- 4) o relação do vírus com a sexualidade e o afeto;
- 5) a busca de uma autocompreensão positiva dos pacientes com seus corpos.

FIGURA 1.

Frames do documentário "Deus tem aids", de 2022.



Fonte: Vitrine Filmes; Mubi (2024).

A partir dessas suposições, podemos afirmar que o filme procura traçar novas semânticas sobre a doença que se opõe à fetichização do sofrimento, a culpabilização dos pacientes e, também, a homofobia proveniente da epidemia discursiva. Destacamos, sobretudo, a intenção do documentário em cronificar a síndrome, considerando os avanços medicinais e as possibilidades dos portadores do HIV levarem uma vida sem complicações. Além disso, o longa-metragem também difunde doutrinas que fortalecem a noção de identidade coletiva deste grupo, ao dar espaço para depoentes que não procuram esconder o fato de serem portadores de HIV, mas que – pelo contrário – assumem essa condição para reivindicar respeito e direitos ao grupo historicamente marginalizado.

Respondendo a questão que mobiliza essa pesquisa, afirmamos que o documentário é uma ponte semântica para o reconhecimento social. Ao mesmo tempo que recapitula as experiências de desacato vivenciadas nas últimas quatro décadas;

"Deus tem aids" propõe novas dizibilidades sobre a síndrome, que preenche lacunas discursivas do tecido social que até então eram dominadas por noções desrespeitosas sobre os portadores deste vírus. Ao verem o documentário, os espectadores se sentem valorizados e incentivados a se articularem pela popularização da nova simbologia: uma discursividade que lhe proporciona uma autorrelação positiva, algo que lhes foi negado durante décadas pelas vozes dominantes da comunicação de massa.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Gabriel. 'Deus tem aids' é um filme educativo que quer mudar retrato da doença. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 dez. 2022. Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/12/deus-tem-aids-e-um-filme-educativo-que-quer-mudar-retrato-da-doenca>. Acesso em 30 mai. 2023.

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. Campinas: Papirus, 2009.

BESSA, Marcelo Secron. A epidemia discursiva. In: **Histórias positivas: a literatura (des)construindo a Aids**. Rio de Janeiro: Record, p. 19-32, 1997.

DEUS tem aids. Direção de Fábio Leal e Gustavo Vinagre. Brasil: Vitrine Filmes, 80 min., cor, 2022. Mídia digital, disponível em: <https://mubi.com/pt/films/316829>. Acesso em 30 mai. 2023.

GARCEZ, Regiane Lucas de Oliveira. **O valor político dos testemunhos: os surdos e a luta por reconhecimento na internet**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, Apicuri, 2016.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2009

LAGE, Leandro Rodrigues. Vulnerabilidade, reconhecimento e resistência: contribuições de Axel Honneth. In: **Vulnerabilidades, narrativas e identidades**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, p. 49-64, 2020.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio dos Santos. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. Juiz de Fora: **Lumina**, v. 8, n. 2, p. 1-17, 2014.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora e a aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TURNER, Graham. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus Editorial, 1997.